



---

**Ciganos, Os Filhos do Vento (1999) por Lourivaldo Perez Baçan**

**A Casa do Mago das Letras**

**Copyright © 1999**

**L P B Edições**

**Versão para RocketEdition**

**eBooksBrasil.com**

---

**CIGANOS,  
OS FILHOS DO VENTO  
Lourivaldo Perez Baçan**

# ÍNDICE

## Introdução

### DE ONDE VÊM OS FILHOS DO VENTO?

A Origem dos Ciganos

A Origem Indiana

O Grande Mistério

Os Soldados de Herodes

A Diáspora

A Movimentação

### QUEM SÃO OS FILHOS DO VENTO?

### USOS E COSTUMES DOS CIGANOS

Preconceitos Contra os Ciganos

As Festas Ciganas

O Casamento de Carmen Montoya

### O REI DOS CIGANOS

A Visita dos Mortos

### A CULTURA E AS ARTES ENTRE OS CIGANOS

Os Ciganos no Brasil

### OS SEGREDOS CIGANOS

O Conhecimento da Astrologia

O Horóscopo Cigano

As Artes Divinatórias Ciganas

---

## Introdução

Quem são os filhos do vento, cujas origens, por muito tempo desafiaram os estudiosos e pesquisadores?

Sua vida cheia de liberdade, seus mistérios e seu encanto fascinaram as pessoas por todo o mundo, tornando-os personagens de lendas e aventuras povoadas de fantasia, música, rituais fantásticos, amores tempestuosos e heroísmo.

Apesar disso, tudo que se escreveu sobre eles, em sua maioria, é cheio de enganos e contradições.

Seu modo de vida isolado em relação aos demais povos fez com que muito pouco se soubesse sobre eles, sobre sua origem, as lendas que cercam sua existência e outros mistérios que têm sido saboreado com interesse pelas pessoas.

Personagens de livros, reportagens e novelas, tudo sobre eles é muito superficial e, na maior parte das vezes, visto pela ótica de um "gadjo", maneira pela qual os ciganos se referem a todos aqueles que não pertencem a sua raça.

Com muita relutância, Niculescu Kwiek, descendente da antiga e conhecida Família Kwiek, concordou em contar a versão cigana para as lendas a respeito de seu povo.

Seu trabalho, por isso, reveste-se de uma importância especial pois, pela primeira vez, um estudioso e pesquisador cigano concorda em passar para o papel o que, em sua grande maioria, é conservado na memória de seu povo e transmitido oralmente de pai para filho.

As artes mágicas, a astrologia, a cartomancia, a quiromancia, que ganharam com eles um desenvolvimento extraordinário, são aqui apresentadas e ilustradas, com narrativas sobre sua origem no seio dos ciganos, bem como sobre a difusão delas pela Europa, a partir do século XIII, aproximadamente.

Usos, costumes, hábitos e cultura estão retratadas com fidelidade e com um cuidado de quem vive e cultiva essas práticas, como manifestações próprias de seu povo.

O conhecimento a respeito dessa raça maravilhosa, cujas origens se perdem na noite dos tempos, ganha, com esta obra, acentos coloridos e fantásticos que, com certeza, irão agradar e surpreender nossos leitores.

---

## DE ONDE VÊM OS FILHOS DO VENTO?

"Eles se movem como o sol e a lua. São nômades. Ou, antes, são como as ondas. Estão em toda parte. Chegam e partem rápido. Parecem o vento. Num momento estão aqui. No outro, sumiram. Numa lufada, deixam traços indeléveis de sua passagem no eco de sua música, no relinchar de seus cavalos, no sorriso alegre de suas mulheres. Não, não são o vento. São os filhos do vento!"

O texto acima faz parte de um poema escrito na Pérsia 200 a 400 anos antes de Cristo. Um povo é chamado de Filhos do Vento e a ele se refere o autor anônimo como "o povo que veio do rio", numa alusão ao Rio Sind, no norte da Índia, na região de Gujarat.

Ali havia se estabelecido esse povo, cultivando a agricultura de forma incipiente, mas dedicando-se à criação de animais, à metalurgia, que alcançou grande desenvolvimento com o uso do cobre, metal no qual se tornaram especialistas.

As lendas mais antigas, contadas boca a boca pelos anciãos das tribos, falam que o povo hoje chamado de cigano originou-se dos descendentes dos anjos caídos que se juntaram com "as filhas dos homens", conforme descrito no Livro Apócrifo de Enoque.

Uma outra lenda, no entanto, conta que são descendentes de Hagar, a escrava de Sara, mulher de Abrão, que, após ter dado um filho ao seu senhor, foi humilhada e expulsa por Sara.

No deserto, Hagar, Hagar encontrava-se junto a uma fonte, no caminho de Sur, quando um anjo do Senhor percebeu sua presença e interrogou-a:

— Hagar, de onde vens, serva de Sara? E para onde vais, afastando-te de tua ama e senhora?

Respondeu Hagar:

— Fujo da presença dela, que me humilhou e expulsou.

— E o que fizeste para merecer isso?

— Dei ao meu amo e senhor um filho, por ordem dela. Agora meu filho, tanto quanto eu fui, será também um escravo entre eles.

O anjo, que conhecia os planos do Senhor para com Abrão e sua descendência, aconselhou Hagar:

— Volta para a tua senhora. Humilha-te, se for preciso, pois grandes coisas estão reservadas para ti.

— A escravidão é um fardo pesado demais para mim e para os meus...

— Pois então a liberdade será a marca de tua descendência. Eu a farei tão numerosa como sementes ao vento, para que se espalhem por toda a terra e não conheçam fronteiras. Concebeste e darás à luz um varão, a quem chamarás Ismael, porque o Senhor te acudiu na tua aflição. Ele será indomável entre os homens, e não conhecerá freio nem rédeas. Habitará entre todos os homens, mas não conhecerá fronteira. Sua passagem será como a passagem do vento.

E por isso Hagar retornou à tenda de Abrão e tudo se confirmou, conforme o anjo havia predito. Após Ismael, Hagar teve outros filhos e filhas, que por sua vez se multiplicaram, indo habitar as terras às margens do Rio.

Uma outra lenda, conta que os atuais ciganos são descendentes diretos de Adão e Lilith, uma mulher anterior a Eva. Por esse motivo, os ciganos formam o único povo a não nascer com o pecado original.

Do nome original desse povo, nada mais se sabe e não existem registros nem documentos de espécie alguma para nomeá-los. Sabe-se, porém, que ao se espalharem pela Europa, foram erroneamente dados como vindos do Egito, razão pela qual foram denominados inicialmente como "egiptanos", dando origem a "gitanos", em espanhol, e a ciganos, em português. Em língua inglesa são conhecidos como "gypsy", também de "egyptian". Em francês, são chamados "egyptiens" e em húngaro "egyptener".

Isso acontece porque, em sua movimentação, um grupo de ciganos deixou a Pérsia, passou pelo Egito e dali ganhou a Europa. Essa migração iniciou-se com pequenos bandos, por volta de 1200 depois de Cristo e foi atingir seu auge no século XV.

Pelo mundo todo existiram e existem ainda diversas teorias científicas sobre a origem dos ciganos, muitas delas interessantíssimas.

---

## A Origem dos Ciganos

Diversos cientistas arriscaram seus palpites, ao longo dos séculos, tentando situar a origem desse povo fascinante e misterioso. As mais difundidas hipóteses que, infelizmente não puderam ser provadas incontestavelmente, afirmam que os ciganos se originaram na Núbia. Outra que seriam remanescentes da Babilônia.

Uma teoria interessante, mas vaga em seu conteúdo, afirmava que os ciganos eram descendentes de um povo pré-histórico, só que não se conseguiu estabelecer com certeza qual era esse povo.

Outra dizia que os ciganos haviam se originado de uma mistura de raças entre judeus e mouros. Ou então, originários da Península Ibérica, da Valáquia, dos Pirineus bascos, da Atlântida, dos guanches das Canárias e, até dos índios norte-americanos.

A hipótese que mais se aproximou da verdade foi a de Voltaire, que afirmava que esse

povo descendia dos sacerdotes de Ísis, no Egito.

A verdade é que, sempre em constante mobilidade, os ciganos mais assimilavam a cultura dos povos por onde passavam, do que a influenciavam ou deixavam pistas seguras. Os grupos que chegaram à Europa no século XV vinham do baixo Egito, que, na época, abrangia também a Síria, Grécia, Chipre e regiões vizinhas.

---

## A Origem Indiana

Muito embora já fosse do conhecimento de anciãos e de estudiosos dentro dos grupos ciganos, a hipótese indiana da origem dos ciganos não era aceita pela maioria dos interessados na cultura cigana.

A partir da descoberta da lingüística, a ciência que estuda as línguas, para simplificar, foi que estudiosos começaram a seguir as pistas deixadas pelos ciganos, na sua migração desde a Índia.

Até hoje, os ciganos falam o romani, uma língua própria, inclusive com alguns dialetos específicos, como o caló e o sinto. Mesmo esses dialetos, apesar de influenciados pelas línguas e culturas dos países por onde os ciganos passaram, conservam ainda forte ligação com o romani.

Essa língua diferente e única, falada pelos ciganos, intrigaram os europeus, que a consideravam incompreensível. Em muitas oportunidades e países, ela foi proibida de ser utilizada abertamente pelos ciganos. Felizmente, manteve-se ativa no seio dos grupos, preservando-se para a posteridade.

Entre o século XVI e meados do século XVIII, inclusive, foram elaborados dicionários e gramáticas do romani, sem que se chegasse, porém, a uma conclusão a respeito de sua origem.

No século XVIII, porém, Stephan Valvi viu certa identidade entre o romani e as línguas indianas. Sua descoberta incentivou outros estudiosos a se concentrarem no assunto. Grellmann, finalmente, localizou na língua dos ciganos um grande número de palavras hindus, além de semelhanças sintáticas com línguas e dialetos da região de Gujarat.

No século XIX, August Friedrich Pott demonstrou cientificamente a origem indiana do romani e provou sua ligação com outras línguas indo-arianas. Ficava, assim, estabelecida a origem indiana dos ciganos, o que foi confirmado antropologicamente principalmente

por B. Ely, que comparou cor, pigmentação de pele, índices cefálicos, sangue, pressão e outros dados, concluindo pela semelhança entre os hindus e os ciganos.

Apesar de todas essas descobertas, no entanto, ainda não se determinou com precisão a que grupo exatamente pertencia o povo cigano. As velhas lendas, no entanto, parecem conduzir a uma origem mais distante, à época da criação do mundo ou logo após o Gênese.

---

## O Grande Mistério

Se as lendas justificam o caráter nômade dos ciganos, para os cientistas permanece o grande mistério a ser explicado: por que um povo, estabelecido numa terra rica e promissora, de repente simplesmente levanta acampamento e, em levadas, espalha-se pelo mundo, avesso a fronteiras e raízes de forma geral?

O que provocou essa movimentação? É algo que a ciência busca decifrar e para o qual existem hoje apenas lendas para justificar essa inquietação constante e essa aversão às fronteiras.

Nesse ponto, as lendas ciganas são igualmente pródigas, mescla de lendas assimiladas das culturas dos países por onde passaram. Todas elas buscam responder essa inquietante pergunta e explicar, ainda que de modo mítico e místico, o motivo dessa diáspora.

Uma das lendas mais interessantes é a de Maria, em sua fuga para o Egito, narrada com algumas variações em praticamente todos os grupos ciganos.

Conta a lenda que, cuja narrativa se confunde com o Novo Testamento, que após a visita dos Reis Magos, um anjo do Senhor apareceu a São José, em sonho, dizendo:

— Prepara-te, toma o Menino e a mãe e foge para o Egito. Permanece lá até que eu te avise, porque Herodes pretende matar o menino.

— Mas como viveremos? — indagou ao anjo.

— Nada tema. As portas se abrirão para o filho do Senhor; malditos e errantes por toda a eternidade serão aqueles que Lhe negarem ajuda.

Confiante nas palavras do anjo, São José, no meio da noite, partiu com Maria e Jesus para o Egito.

Foi uma viagem cheia de sobressaltos. Apesar da confiança nas palavras do anjo do Senhor, o temor de que os soldados de Herodes os alcançassem foi companhia constante.

Por todo o caminho, conforme o anjo havia predito, as portas se abriam para a Santa Família em fuga. Todos receberam e deram acolhida a eles, alimentando-os e dando-lhes água. Todos, exceto um mercador, quando atravessavam uma das regiões mais áridas.

— Minha água e minha comida é para os meus — disse ele, com arrogância.

— Por favor, apenas um pouco de água. Não queremos que você e os seus paguem por irem contra a vontade do Senhor... — tentou ponderar Maria.

— Senhor? Só há um senhor nesta caravana e este sou eu — zombou o mercador, mandando seguir o comboio.

Nesse momento, um raio cortou o céu limpo, assustando os camelos e dispersando os servos. Assustado, o mercador olhou ao seu redor, sem entender de onde surgira aquele raio. Foi então que uma voz trovejante lhe disse:

— Negaste ajuda ao filho do Senhor e, por isso, tu e os teus vagarão eternamente, batendo em portas fechadas e vivendo separados de todos os homens da face da Terra! Tuas raízes se secarão, como seco é teu coração! Nada vos prenderá a terra alguma...

---

## Os Soldados de Herodes

Uma outra lenda, da mesma época, conta que Herodes havia constituído um corpo de guarda especial, formada por homens vindos de um país distante, hábeis artesãos na fabricação de espadas e lanças de cobre.

Quando a Santa Família fugiu para o Egito, esse grupo de soldados foi mandado para sacrificar os recém-nascidos de Belém e dos arredores.

Cumpriu-se, então, a profecia de Jeremias, citada integralmente no livro apócrifo e original de suas profecias, que dizia: " Ouvir-se-á um clamor em Ramá, pranto e grandes lamentações; Raquel chorará por seus filhos, inconsolável porque (eles) não mais existirão, traspassados pelas espadas vermelhas dos filhos do vento, que eternamente errarão para expiar seus pecados."

## O Ladrão do Quarto Cravo da Crucificação

Uma outra lenda, também da mesma época, conta que, no momento da crucificação, um cigano roubou o quarto cravo, impedindo que cada um dos pés fossem pregados separados, tornando menos sofrível o martírio do condenado.

Foi ele amaldiçoado pelos discípulos e pelos seguidores de Cristo, que pediram a Deus que o ladrão do quarto cravo e toda a sua descendência fossem banidos para sempre daquelas terras, tendo que se espalhar pelo mundo sem unidade.

Baseada também no Novo Testamento, há, finalmente, uma outra lenda que conta que foram os ciganos que convenceram Judas a trair Jesus, trocando-o pelas trinta moedas. Por isso foram amaldiçoados por Deus e condenados a vagar sem destino pela terra, sem jamais fixar raízes em terra alguma.

Observadas friamente, todas essas lendas tem um ponto em comum: o de transformar os ciganos em inimigos dos cristãos, canalizando para eles inimizade e a perseguições.

Não é difícil entender como e porque surgiram essas lendas. No auge da Idade Média, quando a caça às bruxas chegava ao seu momento decisivo, os ciganos representavam um inimigo todo especial.

Sempre foi prática desse povo aceitar a cultura dos países por onde passavam. Assim, se era um país católico, adotavam práticas católicas. Se fosse muçulmano, a mesma coisa. Assim, não havia do que acusá-los, a não ser de forma indireta, pondo-os como personagens antipáticos do Novo Testamento.

Vale dizer que isso funcionou em muitos países e que até hoje ainda persiste essa aversão aos ciganos, como se pode perceber na ilustração a seguir, onde um fazendeiro inglês, nada amistoso, informa aos ciganos que o terreno foi pulverizado e está envenenado.

---

## A Diáspora

Nada definitivo e comprovado existe sobre os motivos e a data exata do início dessa migração encetada pelos ciganos, a partir de seu local de origem, no Norte da Índia.

O poeta persa Firdusi conta em um de seus poemas que um rei sassânida, por volta de 400 depois de Cristo, manda buscar doze mil músicos "jat", trazendo-os da Índia para a

Pérsia. Segundo o poeta, esses músicos seriam os antepassados dos atuais ciganos.

Esta teoria, embora apoiada por modernos estudiosos, é insustentável no aspecto lingüístico, uma vez que a atual língua jat não tem semelhança nenhuma com o romani.

Poucos registros existem, porém, que mencionam que, juntamente com esses menestrelis, um grupo de cuteleiros, fabricantes de espadas, também migrou para a Pérsia, onde encontraram um campo muito fértil para seu trabalho, atraindo, com isso, gradativamente, levadas seguidas de novos imigrantes, cuja especialidade estava intimamente ligada à guerra, fosse na criação de cavalos de excepcional qualidade, fosse na elaboração de utensílios e armas.

Como aquela região vivia em constante ebulição, o trabalho desses artesãos era requisitado a cada nova guerra que estourava, levando-os, finalmente, à Europa em convulsão e, finalmente, aos novos continentes, fervilhando pelas guerras de independência.

---

## A Movimentação

A inexistência de registros escritos que pudessem confirmar a origem e a movimentação dos ciganos pelo mundo não impediu, no entanto, que os estudiosos, através da análise da língua romani, seguissem as pegadas desse povo pelo mundo.

Comparando a evolução do romani e do hindi, os pesquisadores descobriram que tribos se deslocaram do centro da Índia para o noroeste, em meados do século III antes de Cristo. Permaneceram ali até o século IX depois de Cristo, desenvolvendo estudos de astrologia, metalurgia, além de aprimorar conhecimentos assimilados dos chineses, como a cartomancia e a quiromancia, artes nas quais se tornaram especialistas.

Durante esse tempo, desenvolveram o que modernamente se conhece como o Baralho Tarô, que foi enormemente aperfeiçoado durante a permanência dos ciganos entre os egípcios.

A partir do século IX, portanto, segundo o que se concluiu estudando aspectos lingüísticos, as tribos iniciaram sua dispersão, sendo reportada a presença deles na Mesopotâmia nessa época. Em Bizâncio já se registra a presença desse povo nômade.

Sempre guiando-se pelos estudos lingüísticos dos dialetos ciganos, conseguiu-se estabelecer a passagem desse povo em movimento por um determinado país. Segundo

essas conclusões, permaneceram muito tempo no Irã e no Império Bizantino, principalmente na Grécia, de onde teriam partido para se espalhar por toda a Europa.

Afirma-se que um grupo tomou o rumo do norte da África, passando dali para a Espanha, teoria que se opõe a uma outra, que afirma que os ciganos chegaram à Espanha, atravessando os Pireneus.

A partir de 1200 depois de Cristo, já são detectadas provas da entrada dos ciganos na Europa, principalmente na disseminação do baralho divinatório do Tarô, agora melhorado com o acréscimo do surpreendente conhecimento egípcio.

A partir de então, os ciganos espalharam-se pela Europa, até que, em 1500, haviam se estabelecido em todos os países, inclusive a Rússia, onde chegaram nesse ano.

Sua penetração no velho continente foi fulminante e, inicialmente, todos foram muito bem recebidos. O próprio Papa Martinho V, em dezembro de 1423, firmou uma carta de recomendação aos católicos do velho mundo, pedindo que os ciganos fossem aceitos e recebidos amigavelmente.

Da mesma época é também uma carta assinada pelo Imperador Sigismundo, da Alemanha, dando certos privilégios aos ciganos.

De qualquer maneira, os ciganos foram inicialmente muito bem recebidos, vivendo de esmolas, enquanto peregrinavam, pagando uma penitência que lhes havia sido imposta pelo papa, para perdoá-los de sua apostasia.

Como se sabe, o apóstata é aquele que, em algum momento renegou sua crença e, segundo o papa entendia, os ciganos haviam sido apóstatas porque se tornaram cristãos no Império Bizantino, mas haviam aceitado o islamismo, quando das guerras com os muçulmanos, muito embora isso tenha sido, ao longo do tempo, uma característica dos ciganos de jamais irem contra o poder dominante.

A Inquisição não perdoou os conhecimentos astrológicos dos ciganos nem suas práticas divinatórias. Nos estertores do século XV, o acolhimento inicial transformou-se em perseguições ferozes, quando as lendas sobre os pecados e crimes cometidos pelos ciganos contra o cristianismo atingiram o auge.

É quando surgem as lendas do mercador cigano, que nega ajuda à Sagrada Família, a dos soldados ciganos de Herodes, a do ladrão do quarto cravo e a da cumplicidade dos ciganos na traição de Herodes.

Num contexto fanático e cruel com que foi instalada e se desenvolveu a Inquisição, os

ciganos, em praticamente todos os países da Europa, foram perseguidos, presos, torturados e queimados em praça pública, acusados de feitiçaria e bruxaria.

Foram expulsos ou deportados da Europa. Em 1574, foram mandados para a África e para o Brasil. Em fins do século XVIII, foram enviados da Espanha para as colônias da América do Norte.

Tamanha perseguição contra os judeus só foi superada pelas atrocidades cometidas na Segunda Guerra mundial, quando mais de quinhentos mil ciganos foram mortos nos campos de concentração alemães e milhares de outros presos ou deportados.

Assim, de nômades por natureza, passaram a ser nômades por necessidade de sobrevivência, ao longo da história, espalhando-se definitivamente pelo mundo.

---

## QUEM SÃO OS FILHOS DO VENTO?

Qualquer dicionário ou enciclopédia definirá os ciganos como um povo nômade e disperso pelo mundo todo, num número aproximado de cinco milhões de almas, com uma história e uma cultura peculiares, que os tornam diferentes dos demais povos. A certeza de adotarem um modo de vida diferente os leva a designar todas as pessoas que não pertençam a sua raça como gadjos.

São normalmente descritos como elegantes e belos, pele morena, olhos muito vivos e grandes, dentadura perfeita e rosto ossudo, mas harmonioso. São alegres, gesticulam muito ao falar e, normalmente, atingem longa idade. As mulheres possuem uma beleza misteriosa e fascinante, sendo elegantes e graciosas.

Denominam-se "rom", cujo significado é "homem". Possuem valores éticos e morais completamente distintos das demais civilizações e injustamente são taxados de ladrões e corruptos, como um todo, por causa dessas crenças.

Na verdade, cultivam valores distintos daqueles cultivados pelos gadjos, que não conseguem interpretar o modo de ser dessa raça habituada ao nomadismo e à liberdade.

Alguns aspectos podem ilustrar muito bem esse conflito entre culturas diferentes.

Os ciganos consideram a esterilidade uma maldição. Um dia, em algum momento específico, alguém, em desespero, raptou uma criança para tentar fugir a essa maldição. O crime foi descoberto, mas a marca de ladrão de crianças passou a ser vista como uma

característica própria desse povo orgulhoso e honesto, em suas convicções.

Negociar para obter lucro é uma questão de honra, principalmente se esse lucro for obtido acima de um gadjo. Eles não hesitam em lançar mão de todos os recursos admissíveis e inadmissíveis para isso, o que, em contrapartida, lhes valeu a pecha de ladrões e trapaceiros.

Freqüentemente à margem do processo de produção, não hesitam em lançar mão de qualquer recurso para garantir sua subsistência, inclusive o roubo, dentro de um código todo próprio deles.

Os ciganos sérvios, por exemplo, só vêem crime quando o roubo é cometido contra uma pessoa mais pobre. Os ciganos ingleses não aceitam quando se rouba algo de que não se necessita.

Os homens sempre foram hábeis ferreiros e negociantes de cavalos. As mulheres praticam as artes divinatórias, com especial predileção pela cartomancia e pela quiromancia, muito embora o uso da bola de cristal ou da astrologia também faça parte de seus conhecimentos.

Uma tradição muito curiosa é preservada entre os ciganos, que não comem a pata de qualquer ave, pois, conforme a tradição, quem o faz torna-se mentiroso e esse crime, entre eles, é abominado, mas tolerado contra os gadjos. Aliás, é quase que uma obrigação.

Os ciganos são unidos em seu grupo ou a sua família, não havendo uma unidade entre eles. Isso, aliás, fez gorar todas as tentativas de unificação dos ciganos, bem como da formação de um Estado cigano, num local específico do mundo.

É por demais conhecida uma ocorrência verificada na Primeira Guerra mundial, travada praticamente nas trincheiras e nos combates corpo a corpo.

Numa ocasião, um regimento de ciganos italianos viu-se frente a frente com um regimento de ciganos húngaros.

Quando se reconheceram, jogaram fora os mosquetes e empunharam suas baionetas, travando um combate tão sangrento e sem trégua que surpreendeu os demais soldados dos dois lados, que interromperam o combate para assistir àquele espetáculo de furor e morte.

Habitam geralmente em tendas e, ainda em muitas localidades, usam suas vistosas e coloridas carroças puxadas por cavalos para se locomoverem. Muitos, porém, já se modernizaram e se movimentam em confortáveis trailers motorizados, com todo o conforto necessário.

---

# USOS E COSTUMES DOS CIGANOS

Ao longo do tempo, após sua chegada à Europa, os ciganos foram acusados de toda espécie de crime pelas populações sedentárias, que não entendiam como um povo poderia viver com tanta liberdade, sem apego a uma terra determinada.

Além disso, da admiração inicial, fomentada, principalmente pelos líderes religiosos, iniciando-se pelo Arcebispo de Paris, quem primeiro ligou os ciganos à bruxaria, os ciganos passaram a ser vistos como verdadeiros inimigos da fé cristã, que contra eles lançou um processo sistemático de perseguição e destruição.

As lendas que ligam os ciganos aos sofrimentos da Sagrada Família, da morte das crianças em Belém, da traição de Judas e do roubo do quarto cravo foram criadas com o fim específico de jogar contra esse povo a ira cristã, já que essas lendas não resistem à mais superficial análise histórica, tratada com a seriedade com que foi elaborada a pesquisa lingüística que determinou a origem desse povo.

Assim, além dessas lendas infames e destinadas a desacreditar os ciganos, outras acusações foram sendo acrescentadas. Bruxaria, feitiçaria, canibalismo e outras barbaridades foram atribuídas aos ciganos, enquanto eram sistemática e metodicamente perseguidos.

Esse comportamento ainda hoje persiste. Os ciganos ainda são relacionados a tudo de ruim que possa acontecer numa comunidade e sua chegada muitas vezes é motivo de reações até violentas da parte de cidadãos menos esclarecidos.

Associam-nos ainda a roubos, desastres naturais, como ventanias e tempestades, além de toda sorte de trapaças e falsificações.

Na raiz de tudo isso encontra-se o fato inegável de que ciganos e gadjos têm modos diferentes de encarar a vida. A ignorância é a principal causa desse tratamento dispensado pelos sedentários aos ciganos, pois não conseguem compreender esse estilo de vida.

---

## Preconceitos Contra os Ciganos

É fácil entender, dessa forma, todo o processo de formação desses preconceitos contra os ciganos. Em sua maioria, as pessoas imaginam que, em função do nomadismo e do sentido de liberdade, os ciganos tenham costumes dissolutos, que podem chocar as pessoas de costumes mais rígidos.

Nada existe de mais falso em relação a esse povo, onde a mulher é extremamente pudica e tradicional. Para exemplificar melhor ainda, basta verificar que a prostituição é praticamente inexistente entre os ciganos. O adultério é condenado e execrado e a virtude é sempre exaltada. Os valores morais mantêm-se rígidos e cultivados como um aspecto cultural próprio desse povo.

Outro aspecto típico dos ciganos que é mal interpretado pelos gadjos refere-se à maneira como vestem, embora isso seja muito diversificado entre os ciganos.

Nos Estados Unidos, são chamados de Povo que se Veste de Vermelho, dada à predileção das tribos daquele país por essa cor.

Alguns ciganos não se importam de se vestir com andrajos, sem, no entanto, dispensar os enfeites comuns e vistosos, próprios de sua tradição. Sentem-se à vontade dessa forma e pouca importância dão a uma roupa nova.

Quando, no entanto, trata-se de uma cerimônia tradicional ou de uma grande festa, jamais abrem mão de seus trajes completos, cheios de cores, com enfeites, principalmente as mulheres. Usarão, nessas ocasiões, lenços coloridos nos cabelos, coletes ricamente bordados e enfeitados com pedrarias. As saias e as blusas serão sempre em tecidos brilhantes, esbanjando cores mas formando um conjunto harmonioso que dá ao grupo reunido o aspecto de um campo florido.

Jamais dispensarão suas jóias, sejam de ouro ou apenas bijuterias, pois o objetivo é apenas enfeitar-se e não demonstrar riqueza ou aparentar ostentação, no que se diferenciam dos demais povos, que vê no luxo e na demonstração de riqueza quase que uma necessidade social.

Para o cigano, acumular riquezas é algo impensável, pois isso fatalmente acabaria por fixá-lo ou prendê-lo a um lugar, coisa que abomina, em seu desejo de liberdade e movimentação contínua.

Quanto à falta de higiene de quem são acusados os ciganos, trata-se também de outra falsidade ou má interpretação. Nas estradas, quando há água, o cigano mantém-se limpo. Sua falta, no entanto, não o impede de seguir em frente. Ele apenas convive com o problema passageiro.

As críticas, no entanto, tentem normalmente a mascarar uma outra realidade, a dos sedentários miseráveis, sem condições de saneamento básico e de moradia digna, que abundam por todo o planeta. Cada país têm seus problemas nessa área e deveria ater-se a solucioná-los. As populações do mundo sempre acharam conveniente desviar a atenção de seus problemas reais, concentrando-se em subterfúgios com que tentam aplacar suas consciências pesadas.

Durante a Inquisição ou mesmo na Segunda Guerra mundial, o genocídio de ciganos foi aceito porque pintava-se sobre eles e suas crenças um quadro negro, destinado justamente a provocar a ira daqueles que, passivamente, assistiam a tudo aquilo. Suas consciências ficavam preservadas com as mentiras e falsidades levantadas.

Naquele tempo, como agora, o objetivo dos preconceitos sempre foi o mesmo: desviar a atenção das pessoas dos reais problemas de sua sociedade sedentária, acusando gratuitamente uma cultura que não aceitam apenas porque não conseguem ou não querem entender.

## **A Origem do Preconceito**

Já afirmamos que os valores defendidos pelos ciganos são totalmente diferentes daqueles defendidos pelos demais povos, ou gadjos, o que provoca um natural conflito entre as duas culturas. Os gadjos vivem em função do passado e do futuro. Cultivam o que se foi e preparam-se para o futuro, amealhando bens e riquezas, planejando os dias que ainda virão, numa visão idealista de que o futuro poderá ser melhor, como se pudessem construí-lo.

A fatalidade é algo muito forte entre os ciganos. Cultivar o passado só se justifica enquanto maneira de manter usos, costumes e preservar valores. Preparar-se para o futuro significa abrir mão de viver o presente e o cigano tem por lema que a vida se vive apenas no presente. O futuro é incerto. A morte repentina, a que todos estão sujeitos, pode jogar por terra todo um futuro brilhante e pacientemente construído. Ao fazer isso, o indivíduo não viveu seus dias. Preparou-se para um futuro que jamais chegará.

Para os ciganos, a velhice é uma conseqüência de se ter vivido um dia após o outro, aproveitando-os ao máximo.

Por esse motivo, o dinheiro, para os ciganos, tem um valor enquanto atende suas necessidades imediatas. É um instrumento para chegar ao que precisa para viver seu dia a dia. Ele não deseja bens ou riquezas, porque, como já se disse, significariam o fim de sua liberdade.

Nesse aspecto, diferenciam enormemente dos gadjos, que vivem em função do

dinheiro. Observar os ciganos, em sua vida simples e alegre, preocupados apenas com o sustento daquele dia e não dos próximos, é algo que não é digerido pelos gadjos, que não entendem que alguém possa viver sem ser escravizado pelo vil metal.

Um dos hábitos dos ciganos que muito incomoda os gadjos, principalmente no interior, quando da passagem de uma caravana, é o fato dos viajantes apanharem frutas ou caçarem animais para sua refeição. Para os fazendeiros, isso é chamado roubo. Para os ciganos, isso é apenas aceitar o que a natureza oferece ao homem. Os frutos e os animais são, de direito, daqueles que deles têm necessidade. Essa lógica simples para os ciganos não é aceita e, mas combatida e hostilizada. Isso chega ao cúmulo de, antecipando-se à passagem de uma caravana cigana, fazendeiros mandarem pulverizar com veneno as plantações para que os ciganos delas não pudessem fazer isso.

Como um povo livre, o cigano encara tudo com praticidade, ao mesmo tempo que se interessa pelas coisas práticas. Um exemplo disso é a maneira como hoje está se disseminando entre eles o uso de trailers para viagens.

Neles encontram todo o conforto necessário, podendo, inclusive, deslocar-se com maior rapidez e vencer distâncias que, antes, eram impossíveis com seus velhos e coloridos carroções.

Com isso, perde-se uma longa tradição de conhecimentos e prática no trato e no treinamento de animais, atividade em que sempre se distinguiram.

Nos encontros que promovem ainda, em determinados locais do mundo, as velhas carroças cedem lugar gradativamente aos modernos veículos motorizados, sendo postas à venda.

Com isso, um importante aspecto da arte e da cultura cigana, onde se retratava com habilidade e beleza a delicadeza e a imaginação de seus decoradores, está em processo de extinção.

Os modernos trailers recebem pintura especial e cores tradicionais, mas não permitem a expressão de todo o talento artístico de um entalhe feito na madeira ou no metal, aplicado ao antigo meio de locomoção.

Segue-se uma praxe dos ciganos, de viverem o presente do modo mais prático possível, assimilando com naturalidade as características de seu tempo e das culturas dos povos por onde passam. Reflete também uma outra característica do espírito cigano: a da versatilidade. Se vendiam cavalos antigamente, porque deles se utilizavam, conhecendo-os profundamente, com certeza passarão a comercializar veículos motorizados. Sua inteligência privilegiada lhe dá meios de passar de uma para outra atividade com absoluta

naturalidade.

Uma característica comum a todos os ciganos é sua natural inclinação para tudo que é fantástico ou maravilhoso. A origem disso remonta a suas origens, na antiga Índia, de onde trouxeram conhecimentos astrológicos que se completaram na Pérsia e no Egito.

Em suas andanças, incorporaram toda sorte de crenças, não se fixando a uma religião determinada, mas assimilando ingredientes de todas elas.

Foram associados as lendas dos lobisomens da Alemanha medieval, os morcegos-humanos que habitavam os Montes Cárpatos, as bruxas que agiam no interior da Inglaterra e da França, os montadores de bode, que agiam nos Países Baixos, os invocadores do demônio da Floresta Negra, os druidas da Grã-Bretanha, os fantasmas dos velhos castelos da Escócia, monstros fantásticos como os do Lago Ness e toda sorte de entes, duendes, gnomos e outros que povoam a imaginação das diferentes culturas por onde passaram.

Em todas as narrativas desses acontecimentos fantásticos, principalmente naqueles ocorridos durante o período mais negro da Inquisição, vamos encontrar relatos de grupos de ciganos perseguidos e mortos, acusados da prática de uma dessas lendas.

Em fins do século XVII, com o domínio turco da Europa Oriental, conta-se que um grupo de ciganos fugiu para os países do ocidente da Europa, espalhando o terror.

Pertenciam a uma seita até hoje não devidamente esclarecida, chamada de Montadores de Bodes. Caracterizavam-se pelo terror que espalhavam, praticando os crimes mais hediondos, principalmente contra jovens virgens e crianças recém-nascidas.

Segundo a lenda, eram acompanhados de demônios, que se encarregavam de arrebanhar as almas das vítimas desses ataques sangüinários e cruéis.

Muitos ciganos foram presos, torturados e condenados à forca e à fogueira por esses crimes, já que, além de assassinos e de terem pacto com o demônio, aqueles ciganos, segundo seus acusadores, abjuravam Jesus Cristo e a religião.

As informações contidas nos processos que foram lavrados na época detalham, inclusive, a maneira como esses bandos eram constituídos e até como um novo membro passava a fazer parte, num ritual de iniciação verdadeiramente escabroso. Além de quebrar uma imagem de Cristo e de urinar e cuspir sobre ela, ingeriam hóstias consagradas com vinho e sangue de virgens e crianças.

Além disso, comiam uma espécie de bolo, feito de carne humana, sangue, vísceras de

um recém-nascido e hóstias.

Para se locomoverem, montavam em bodes, que os levavam a qualquer parte, para cometerem suas atrocidades. Vale dizer que todos esses relatos foram feitos por testemunhas que não precisavam se identificar e que a confirmação era arrancada através de métodos abomináveis de tortura.

O que ocorreu, na realidade, é que, coincidindo com a fuga de ciganos do domínio turco, bandidos e desertores de toda sorte invadiram igualmente a Europa Ocidental, roubando, estuprando e matando, praticando toda sorte de crimes possíveis. Se já não viam com bons olhos os ciganos, ligá-los a essas fantasias foi algo muito fácil para os religiosos da época.

As lendas que contam e em que acreditam não foram necessariamente vividas por eles, mas naturalmente assimiladas quando de sua movimentação pelos países onde elas se originaram.

---

## As Festas Ciganas

As festas ciganas, famosas em todo o mundo, são, na verdade, rituais, realizados com determinados objetivos, constituindo-se num verdadeiro acontecimento social, unindo grupos próximos e mesmo outros, de locais mais distantes.

Incorporam elementos das mais diferentes culturas de povos com os quais os ciganos conviveram. Práticas aparentemente pagãs misturam-se a outras de notado cunho religioso.

Sabe-se, porém, que aos gadjos não é permitido assistir à maioria delas. Os ciganos evitam contar detalhes desses rituais, mas pode-se afirmar que desempenham um papel enorme na união dos grupos e na preservação de valores peculiares desse povo.

Dentre essas festas, uma das mais importantes é a do batismo de uma criança. Dependendo do país onde o grupo estiver de passagem, o ritual será aquele que a religião do local determinar, não importa se católica, evangélica, budista ou muçulmana, apenas para citar algumas.

Para esse povo, o importante é o aspecto prático do batismo, seu objetivo que é o de livrar a criança das garras e tentações do demônio, fortalecendo seu espírito para os embates que passará a travar com os habitantes das trevas.

Alguns ciganos acreditam que se originaram de Adão e de sua primeira mulher, anterior a Eva. Isso faria deles seres sem a mácula do pecado original, o que tiraria toda a necessidade de um batismo, como o da Igreja Católica.

Muitos ciganos, principalmente os mais sábios, descartam essa hipótese, possivelmente mais uma das fantasias surgidas durante a Idade Média, que atribuíam aos ciganos toda a sorte de lendas, com o objetivo de indispor-los com os demais povos.

Pode-se afirmar que, para os pais e para o grupo, o batizado de uma criança é motivo de festa, tanto quanto o funeral de uma pessoa.

Um cigano, ao morrer, será louvado em uma séria de festas, pelos seus semelhantes que, ao mesmo tempo, estarão também festejando a vida. Sabem que a morte é certa e que o momento deve ser vivido com intensidade.

Outra festa de grande sentido para eles é a da primavera, com seus ritos de fertilidade, destinados a tornar férteis as mulheres, para que gerem filhos sadios.

Um casamento cigano só é considerado concretizado com o nascimento de um filho. Enquanto isso não ocorre, o casal vive grande aflição, já que a infertilidade traz a conotação de um castigo que tanto pode ser para o casal quanto para o grupo.

Como aspectos dos batizados e das festas fúnebres, esses rituais são proibidos aos gadjos, que pouco ou nenhum conhecimento podem ou devem ter do assunto.

Outra cerimônia que tem, para os ciganos, um significado todo especial é a de um casamento, feito nos moldes tradicionais, diante dos símbolos familiares.

Desde há muito tempo, sempre foi proibido aos gadjos, principalmente porque os ciganos se casam apenas entre membros de sua tribo. Depois, segundo as crenças, se um casamento cigano for presenciado por um desconhecido, que não pertença a sua raça, a noiva fatalmente morreria, após transcorrido um ano.

Vale dizer que em poucas e trágicas vezes, quando inadvertidamente um gadjo assistiu a um casamento, a noiva veio a falecer realmente, conforme a superstição.

Isso faz com que a cerimônia não seja aberta aos gadjos, mas não impediu que algumas particularidades se tornassem públicas, sendo relatadas em livros, peças teatrais e, modernamente, filmes.

Um casamento nos moldes ciganos caracteriza-se por ser uma cerimônia muito

festejada, onde ocorre uma espécie de encenação, simulando um rapto. Depois, a comprovação da virgindade da noiva é feita de forma a não deixar a menor dúvida.

Acontece sempre entre jovens ainda adolescentes, entre treze e quinze anos. O pai do noivo é quem faz todos os arranjos, negociando com o pai da noiva o dote e outras providências.

---

## O Casamento de Carmen Montoya

O casamento de Carmen Montoya, uma cigana espanhola, é sempre citado como exemplo da tradição das festas de casamento, pois ocorreu em Madri, segundo todos os costumes da época. É sempre citado como exemplo em eventuais relatos e inspirou muitas cenas escritas e representadas ao longo do tempo.

Carmen tinha quatorze anos, quando o pai de Felipe Ruyz iniciou com o pai dela as negociações para o casamento. Diziam, na época, que não havia dinheiro suficiente para pagar o dote da linda cigana.

Isso é perfeitamente explicável porque o dote de uma mulher, a ser pago pela família do futuro marido, tem que levar em conta seu valor em relação a sua beleza, sua virtude, sua origem e outros predicados.

Segundo os comentaristas da época, Carmen era a personificação da virtude, dona de uma beleza radiante, vinda de uma família de um Rom Baro, uma espécie de chefe de tribo cigana.

O preço foi, finalmente, estipulado. Nada menos que cinquenta mil libras esterlinas, uma fortuna na época, paga pela família do noivo. Os detalhes foram todos acertados. Marcou-se o local da festa de casamento, que manteve uma equipe de duzentos homens e mulheres se revezando para preparar e servir comida, durante os sete dias que durou a festa.

Carmen foi levada para lá sob os olhares de inveja das outras jovens e os de admiração e encantamento dos rapazes, que desejaram ser, naquele momento, o feliz Felipe de Ruyz.

Durante três dias, a festa transcorreu animada, com dança, comida e música. Nesses três dias, Carmen ficou isolada, de forma que Felipe não a visse. No anoitecer do terceiro dia, ela foi levada para casa, que foi cercada por um grupo de alegres rapazes, todos

encenando o papel de guardas da virtude e da beleza da garota.

Assim que anoitece, como manda a tradição, Felipe, montado em seu melhor cavalo, dirigiu-se até a casa dela. A encenação continua, com os "guardas" tentando impedir o que seria um rapto. Felipe entrou na casa, encontrou sua futura esposa e levou-a nos braços para fora.

Montou seu cavalo, tendo-a sempre em seus braços. Os "guardas" tentaram detê-los, mas ele se afastou, finalmente, indo para o local onde seria realizada a cerimônia. Ali uma das anciãs da tribo, com um punhal de cobre, fez um corte no pulso de Carmen, outro no de Felipe.

O sangue que escorreu dos ferimentos foi aparado numa taça do mais fino cristal. A anciã acrescentou um pouco de vinho e ofereceu-a a Carmen, que tomou um gole. Depois foi a vez de Felipe, que bebeu o resto e, num gesto violento, arremessou a taça no piso de pedras.

O cristal se partiu em mil pedaços e isso foi festejado pelos presentes, pois era um sinal de que aquela união era abençoada e que duraria tantos anos quantos fossem os cacos de cristal

Felipe tomou Carmen nos braços e dessa forma a conduziu a sua nova morada. Um grupo ficou de vigília do lado de fora. A música foi interrompida, mas as fogueiras continuaram acesas, assando carnes de todos os tipos. Todos aguardaram com expectativa, até o momento em que Felipe surgiu, exibindo o lençol, onde se via nitidamente uma marca de sangue, comprovando a virgindade da noiva.

O acontecimento foi aclamado entusiasticamente e a festa continuou ainda por mais quatro dias.

---

## O REI DOS CIGANOS

Apesar de serem muito mais numerosos em suas diferenças, os ciganos podem ser, basicamente, separados em três grandes grupos, cada qual com aspectos que os tornam distintos.

Inicialmente, tem-se os Rom, palavra Romani que significa homem ou marido. Este grupo tem mantido suas tradições em seu estado mais puro, sendo considerado o ramo abastado. O segundo grupo, presente em maior quantidade na Europa ocidental, são

conhecidos como Manus, Sinté ou Sinti, provavelmente em função de sua origem na região de Sind, na Índia. O dialeto falado por eles é chamado de Sinto. O terceiro grupo, chamados de Calé, falando o dialeto Caló, estão presentes na Espanha, na África do Norte, no sul da França e em Portugal. Representantes desse grupo foram os primeiros ciganos a migrar para as Américas.

A imaginação romântica dos gadjos, expressa principalmente em histórias escritas sobre os ciganos, fala em Reis, Rainhas, Príncipes e Princesas, mas são referências que carecem de qualquer embasamento mais sólido.

Os ciganos jamais aceitaram um poder político central, organizando-se em grupos esparsos e recusando toda e qualquer unificação. Na década de 30, houve na Polônia uma tentativa de unificar a raça, fundando-se uma dinastia, mas a iniciativa resultou num fracasso total.

Nos Estados Unidos, Steve Kaslov tentou reunir o Povo que se Veste de Vermelho, como são conhecidos os ciganos naquele país. Seu projeto gorou, como goraram todos os outros com o mesmo objetivo, não havendo, ainda hoje, uma organização internacional que reúna os ciganos.

Grandes concentrações somente são observadas anualmente em maio e outubro, na cidade francesa de Les Saintes-Maries, quando se reúnem para venerar Sara, sua santa e padroeira.

A maioria das tribos ciganas possuem uma estrutura matriarcal, com uma mãe tribal chamada de Puri Dai. É ela a guardiã do código de ética do grupo, sendo consultada com frequência, nas decisões de interesse da tribo.

Essas tribos, com dialetos e costumes distintos, são dirigidas por um Raj, ou chefe eleito, também denominados por Kapo ou Rom Baro.

Durante o período medieval, os ciganos marcaram sua passagem pelo continente europeu nos títulos de nobreza com que foram aquinhoados. Houver os chamados voivodas, além de duques e condes. Todos, sem exceção, eram apenas chefes eleitos dos grupos que dirigiam.

O exercício do poder, entre os ciganos, é respaldado por uma espécie de tribunal chamado Kris, cujas decisões não admitem apelação. Esse tribunal é de suma importância na manutenção da unidade da tribo, mediando toda e qualquer disputa entre seus membros. A pena mais severa é a pena de morte, mas utiliza-se com mais frequência o banimento temporário, festejado quando termina.

Ao longo do tempo, no entanto, o tribunal, mesmo com todo o seu poder, tem sido incapaz de conter as vinganças pessoais, nos casos mais drásticos, envolvendo famílias diferentes. Nesse momento, fala mais alto o espírito passional da maioria dos ciganos e predomina um código de honra que se coloca acima de todos os outros.

Nesses momentos, nem a lei dos gadjos é respeitada, o que gera, comumente, conflitos entre a justiça comum e os ciganos. Para escapar a ela, contam com a cumplicidade das outras tribos, pois a solidariedade cigana se manifesta com grande intensidade quando desses acontecimentos e um homem pode simplesmente desaparecer no ar, como um verdadeiro "filho do vento".

A habilidade natural dos ciganos no manejo de armas brancas tem tornado particularmente sangrentas e cruéis esses acontecimentos, um dos quais abalou toda a Espanha, por volta de 1950, e deu origem a uma velada e não divulgada perseguição aos ciganos daquele país, muitos deles aprisionados e desaparecidos, numa seqüência de acontecimentos que ficou conhecida como a "Zingarella".

Ao norte de Madri, entre as cidades de Valladolid e Aranda de Duero, às margens do Rio Duero, encontrava-se um acampamento cigano, onde predominava membros da família Martos Ubeda. Em Segóvia, um pouco mais ao sul, acamparam membros da família Matadelli, vindos do norte da África, tencionando contratar casamento para o membro mais novo da família, o jovem Alfredo.

Os contatos preliminares foram feitos e, apesar de serem tribos diferentes, tinham um ponto comum de união, que era um antepassado comum às duas famílias.

Pilar Martos Ubeda era uma jovem prendada, muito bonita, com treze anos, na idade de casamento. Seu pai pediu por ela o equivalente a dez cavalos de raça.

— Por esse preço eu compraria a própria Zingarella — disse o pai de Alfredo Matadelli, referindo-se ao famoso quadro da Madona de Ticiano, assim chamada pelo fato de o pintor ter dado traços ciganos a sua obra.

— Se é assim, pois que Alfredo se case com a Zingarella — respondeu o pai de Pilar.

O clima ficou tenso e por pouco não houve um conflito naquele mesmo momento. Ranulfo Matadelli e seus homens se retiraram até meio caminho de Segóvia, onde o jovem Alfredo esperava com impaciência pelas negociações, já que a beleza e as virtudes de Pilar haviam chegado muito antes ao seu conhecimento.

Ao descobrir que as negociações haviam sido encerradas sem sucesso, Alfredo decidiu usar o recurso mais honroso para um cigano: raptar a mulher que desejava por esposa.

Com um grupo de homens, no meio da noite, foi até o acampamento da família Martos Ubeda, que havia previsto uma ação como aquela. Quando Alfredo e seus amigos chegaram, estavam sendo esperados. Foram cercados e, após uma luta feroz, sendo em número menor, foram subjugados.

No fim do conflito, o jovem e cinco de seus amigos estavam mortos e foram deixados insepultos para os cachorros. No peito do rapaz, com um punhal espetaram uma reprodução da Madona de Ticiano.

O que veio a seguir foi uma seqüência de ações de retaliação de lado a lado. Ranulfo Matadelli emboscou um grupo de jovens da família Martos Ubeda e passou todos eles no fio de sua navalha.

A resposta não se fez esperar. Após incendiar as tendas do acampamento dos Matadelli, o patriarca da família Ubeda capturou três inimigos, que foram esfolados e pendurados pelos pés nos galhos de uma árvore, deixados para morrer.

A violência recrudesciu, atingindo níveis alarmantes. Uma companhia de soldados foi mandada para pacificar a região, mas os gadjos estavam cometendo um erro terrível, pois os ciganos em luta uniram-se inesperadamente e, numa noite apenas, mataram cinquenta e três soldados.

O caso não chegou à opinião pública, abafado nos corredores do palácio do governo, porque não se podia admitir que tantos soldados tivessem sido mortos daquela forma.

Indiscriminadamente, ciganos passaram a ser aprisionados. Muitos simplesmente desapareceram nos porões policiais, mas muitos foram resgatados espetacularmente por membros de sua tribo. Fosse qual fosse a família, uma reprodução da Zingarella era deixada no local, após a ação de resgate.

Finalmente, na véspera do Natal daquele ano, ambos os acampamentos foram cercados por tropas, armadas de canhões e metralhas. Num ataque que jamais foi confirmado pelas autoridades, as famílias Matadelli e Martos Ubeda simplesmente foram praticamente exterminadas.

Ironicamente, Pilar Martos Ubeda foi chamada a depor num pseudo inquérito militar sobre o massacre de sua família. Ela negou o fato, disse nada saber sobre a vingança que jogou sua família contra a outra e não falou nada a respeito das mortes.

Miguel Matadelli, um dos membros da família que havia perdido a esposa e os filhos no ataque dos militares, casou-se com Pilar. Os membros restantes das duas famílias se

juntaram. Nos três anos que se seguiram, a maioria dos oficiais que haviam participado das ações militares contra os ciganos morreram em circunstâncias até hoje não explicadas.

Na maioria dos casos, no entanto, pequenas reproduções da Zingarella foram encontradas no local. Mas só os ciganos sabiam o significado daquilo.

Esta história é sempre lembrada quando se quer dar a exata medida de como o povo cigano se posiciona em relação aos gadjos e sua lei. Certo ou errado, para a sua cultura, seus usos e costumes, é assim que sempre foi.

---

## A Visita dos Mortos

A segunda história é importante para ilustrar, não apenas o caráter violento das vinganças pessoais entre os ciganos, como também o lado sobrenatural das crenças entre eles.

Segundo contam, ocorreu em algum ponto da França, no começo do século. Um cigano, chamado Janus, teria suspeitado que sua mulher lhe era infiel, em virtude de comentários de um amigo seu, chamado Crato.

Numa noite, após uma sessão de bebedeira, Janus foi para sua tenda, olhou Mary, sua mulher, e mandou-a rezar porque ele estava

disposto a matá-la naquela noite.

— Que lhe fiz? — teria indagado ela.

— Você me traiu...

— Jamais!

— Não minta! Prepare-se para morrer!

— É uma calúnia... Mentiram-lhe... Sei até quem foi... Foi Crato... Ele, sim, tentou-me...

Aquelas palavras, longe de abrandar a fúria irracional de Janus, mais o enfureceu.

— Reze! — ordenou ele.

Mary começou a rezar, mas não chegou a terminar sua oração. Janus começou a golpeá-la com seu punhal. Por quase cinqüenta vezes sua lâmina penetrou no corpo da esposa.

Depois, ao se dar conta do que havia feito, Janus apanhou seu cavalo e, mesmo embriagado, desapareceu.

A tragédia consternou todo o acampamento. Todos estavam inconformados, principalmente os parentes de Mary. Foi quando comentaram que Crato havia enchido a cabeça de Janus com calúnias. O cigano tentou negar, mas os familiares de Mary prenderam-no com um laço, amarrado a um cavalo.

Inicialmente Crato acompanhou, daquela forma, o funeral. Quando o caixão foi posto numa sepultura de pedra, cavada numa rocha, o cavalo foi chicoteado e arrastou o cigano caluniador até matá-lo.

A mentira, entre os ciganos, pode ser tolerada, desde que necessária e usada contra os gadjos. Um cigano que calunia não encontra espaço entre os seus.

Janus fugiu para a Espanha, indo se abrigar com um grupo de parentes de seu pai. Por três anos sentiu-se seguro, até que uma noite, antes de se deitar, ele ficou imóvel, olhando para a parede da tenda como se visse alguma coisa.

— O que foi, Janus? — indagou seu primo.

— Ali estão meu pai, minha mãe, meu irmão morto na guerra, meus avós e alguns amigos. Todos mortos. Mary está entre eles. Aponta para mim. Pede que eu a deixe terminar sua oração. Ela reza... — falou ele, como se estivesse em transe.

Seu primo achou tudo aquilo muito divertido, julgando que Janus estivesse bêbado.

— Vou morrer, Miguel. Vou morrer esta noite — teria declarado Janus.

— E quem o mataria? Quem ousaria entrar em nosso acampamento para matá-lo? Você está louco. Vá dormir, homem. Amanhã vamos ao mercado vender nossos cavalos... — riu o primo.

Janus ficou sentado em sua cama, olhando para a parede. Ninguém sabe o que aconteceu naquela noite, depois que as luzes foram apagadas.

Meia dúzia de homens montava guarda no acampamento, mas ninguém viu nada. Na manhã seguinte, Janus estava morto. Seu peito havia sido aberto com uma lasca de pedra

afiada.

Do mesmo tipo de pedra onde havia sido cavado o túmulo de Mary.

---

## A CULTURA E AS ARTES ENTRE OS CIGANOS

Ao longo de suas perambulações pelo mundo, o único aspecto cultural realmente preservado pelos ciganos foi justamente o nomadismo, mantido em seu estado mais natural principalmente pelo grupo dos Rom.

Nunca houve tempo nem meios para se registrar seus feitos em livros e os relatos orais, cheios de mistério e fantasia, são inúmeros, como os das lendas já apresentadas neste trabalho.

Na elaboração da decoração de suas carroças, com aplicações de metal, na fabricação de jóias, de armas brancas e de utensílios de cobre percebe-se o esmero e a arte cigana, mas tudo é muito prático, voltado para o uso diário, sem maiores complicações.

As roupas de gala obedecem a um padrão comum, variando conforme a criatividade desta ou daquela costureira ou bordadeira e revela o capricho e a delicadeza desse trabalho cigano.

Fora disso, não vamos encontrar maiores destaques na cultura ou na arte cigana. Na literatura, há apenas os relatos orais, cheios de repetição que facilitam a memorização, feitos maravilhosos, onde a paixão e a violência convivem numa harmonia bem ao gosto dos ciganos. Mesmo assim, o objetivo desses relatos orais é

prático. Visa a diversão do grupo, sem preocupações maiores, como a de preservar usos, costumes ou enaltecer esta ou aquela figura de destaque na história cigana.

A presença, ainda que de forma muito misturada, de elementos poéticos permite, no entanto, uma visão da alma desse povo sem memória escrita.

Talvez no canto e na música tenham os ciganos desenvolvido um estilo próprio, mas não criado uma música própria. Pode-se falar num modo cigano de cantar ou de usar um instrumento, mas são raríssimas as canções autenticamente ciganas.

A convivência constante com outros povos jamais permitiu a manifestação de uma música verdadeiramente cigana.

Do contato com os árabes, por exemplo, surgiu o canto e a dança flamenga, principalmente na região da Andaluzia, manifestação essa que encontrou nos ciganos seus mais autênticos intérpretes.

Mesmo essa arte, porém, transformada em atração turística ou veiculada com objetivos comerciais acabou perdendo aquela caracterização inicial, tornando-se mais uma atração do que uma manifestação espontânea.

Na música, o estilo próprio dos ciganos, chamado de Molto Rubato, influenciou autores famosos como Liszt e Brahms, que se encantaram com a maneira com que esse povo interpretava suas canções.

---

## Os Ciganos no Brasil

Os ciganos que chegaram ao Brasil, partiram inicialmente de Portugal, onde pertenciam ao ramo dos gitanos ou Calé, da Espanha. A palavra cigano identifica justamente o gitano, ou cigano espanhol estabelecido em Portugal.

Sabe-se que entraram nesse país no século XV, estabelecendo-se na região do Alentejo, principalmente. No Cancioneiro Geral de Garcia de Resende encontra-se o mais antigo registro da presença dos ciganos em Portugal.

Gil Vicente, em sua peça Farsa das Ciganas, de 1521, trata-os como gregos, retratando quatro ciganas que dançam, cantam e fazem previsões.

Dos registros existentes sobre os ciganos dessa época nada consta que tivessem trabalhado com cutelaria ou com o artesanato de metais, de um modo geral, dedicando-se, em sua totalidade, à criação e transação com cavalos.

No século XVI, como a maioria dos ciganos da Europa, foram caluniados e perseguidos. Em Portugal, foram acusados de roubo e de feitiçaria, sendo obrigados a deixar o nomadismo.

No Brasil, a partir de 1574 registra-se a presença oficial de ciganos, fato contido num documento com que D. Sebastião transformava em pena de degredo a condenação às galés do cigano João de Torres.

Entre os séculos XVI e XVIII registrou-se o auge da imigração de ciganos para o país, principalmente entre os degredados, concentrando-se na Bahia e em Minas Gerais. Em 1726 e 1760, registra-se que bandos de ciganos, de passagem por São Paulo, foram expulsos da cidade.

O fim do século XIX já encontra grupos de ciganos integrados à população normal, sendo aceitos indistintamente por todas as camadas sociais. Tanto que, a convite do próprio D. João VI, haviam sido convidados para o casamento de D. Pedro com D. Leopoldina.

Muitos fizeram fortuna no comércio de escravos e receberam títulos e patentes militares da época. As mulheres mantiveram-se na prática das artes divinatórias.

Espalham-se praticamente por todo o país e, apesar da fama de músicos, dançarinos e cantores, pouca ou nenhuma contribuição deram ao folclore brasileiro.

---

## OS SEGREDOS CIGANOS

O conhecimento de artes divinatórias, a prática da astrologia e o domínio de conhecimentos reservados apenas aos iniciados do seu povo fizeram com que os ciganos fossem perseguidos, do século XV até hoje.

Livros foram escritos sobre esses conhecimentos. Muitos chegam ao ponto de tentar ensinar aos gadjos as artes que, ao longo dos séculos, foi domínio único dos ciganos.

O que para os gadjos é objeto de estudo e de muita prática, para os ciganos é algo instintivo, natural, como se os membros desse povo já nascessem predispostos a essas práticas chamadas de mágicas, mas que, na realidade, não escondem segredos.

Estão presentes principalmente em práticas curativas, onde o uso de metais, como o ouro e outros, é fonte de cura praticamente desconhecida pelos gadjos.

O uso de lenços coloridos como instrumento de cura é também um segredo antigo e pouco conhecido.

Dentro desse assunto, um dos mistérios que mais maravilharam o mundo foi o do Pó Simpático, desenvolvido a partir da manipulação do cobre, que sempre foi o metal dos ciganos por excelência.

Segundo a Alquimia, o cobre é o metal de Vênus, planeta cintilante que produz no homem e na natureza o desenvolvimento do amor, do senso estético de beleza, criatividade, delicadeza e arte.

A substituição desse metal, nos utensílios de cozinha e de decoração tem privado as pessoas de uma rica fonte de energia e harmonia. O uso de metais menos nobres, como o alumínio, tem enfraquecido a natureza divina que há nos seres humanos.

Em todos os aspectos, o cobre contribui para harmonizar, não apenas em relação à saúde, mas também à capacidade de amar e de se realizar sexualmente.

Muito embora introduzido pelos ciganos já na sua chegada à Europa, o Pó da Simpatia só foi usado mais abertamente a partir do século XVII, uma vez que, no auge das perseguições da Inquisição, sua utilização era relacionada a pactos com o demônio, prática de magia negra e outras superstições com as quais perseguiram e sacrificaram milhares de ciganos, naquele período negro da História da Civilização.

O Pó da Simpatia nada mais é que o sulfato de cobre ou vitríolo de cobre, obtido pelo aquecimento desse metal, juntamente com o enxofre.

Hoje em dia o sulfato de cobre tem aplicações industriais, embora recentemente tenha-se voltado novamente a estudar essa prática, tentando interpretar os efeitos provocados por ele.

Segundo os sábios medievais, que tentaram explicar essa prática dos ciganos, o conceito do Pó da Simpatia é que cada minúscula parte de um corpo vivo, mesmo quando arrancada dele, mantém-se ainda ligado através de um campo de vibração etérico.

Modernamente, as fotografias Kirliam comprovaram esse efeito, mostrando a aura completa de uma folha, por exemplo, mesmo após ela ter sido mutilada. A parte arrancada apresentava-se com outras características, mas estava presente, mostrando que mantinha com a porção original algum tipo de ligação.

O mesmo princípio é utilizado nas magias vodus, ao se usar um pedaço de unha ou fios de cabelo de uma pessoa, aplicados num boneco, para representá-la.

Na verdade, muito do conhecimento armazenado pelos magos e sábios antigos perdeu-se totalmente nas perseguições e gigantescas fogueiras que alimentaram os Autos de Fé por toda a Europa, principalmente. Manuscritos de alto valor foram incinerados pelo temor de um conhecimento além do alcance das mentes limitadas da época.

O princípio curativo do Pó da Simpatia, por exemplo, manifestava-se da seguinte forma. Uma pessoa ferida por uma lâmina, onde ficassem vestígios de seu sangue, seria curada se essa lâmina, ou mesmo uma atadura com seu sangue, fosse mergulhada numa vasilha contendo água e vitríolo de cobre.

Na primeira metade do século XVII, inclusive, diversas obras sobre as vantagens e o uso do Pó Simpático foram publicados, inclusive com testemunhos fidedignos na época.

Nas boticas, por muito tempo, o Pó da Simpatia era vendido livremente, recomendado para ser posto na bebida de uma terceira pessoa, com o objetivo de melhorar seu ânimo e seu humor.

---

## O Conhecimento da Astrologia

Os conhecimentos da astrologia cigana remontam a sua origem indiana mas, o que é surpreendente, contém elementos da cultura greco-romana. Numa análise comparativa entre as teorias astrológicas desses povos, percebemos que giram ao redor dos mesmos problemas, resolvidos com a aplicação de hipóteses semelhantes.

Esse detalhe tem intrigado enormemente os estudiosos da verdadeira origem dos ciganos, que tentam localizar de que ponto saíram eles, antes de irem se estabelecer no interior da Índia.

Foi em sua passagem pelo Egito, principalmente, que os ciganos desenvolveram seus conhecimentos sobre a aplicação prática da astrologia à vida e ao destino dos homens.

Como tudo ao seu alcance, os ciganos buscavam a praticidade, descartando conhecimentos supérfluos e sem utilidade. A maneira como os egípcios davam aos corpos celestes atributos que, por sua vez, iam influenciar as pessoas nascidas sob sua influência. Isso se prestou às interpretações que, quase com uma habilidade natural, eles desenvolviam desde o começo dos tempos.

Como as outras práticas no entanto, a Astrologia cigana foi proibida durante o período de perseguições, atrasando seu desenvolvimento na Europa e na assimilação dos conhecimentos que os ciganos tinham para transmitir. Os estudos foram retomados apenas no início deste século.

Hoje em dia, ao lado de estudiosos sérios do assunto muita mistificação e invencionices caminham lado a lado, descambando para o campo da superstição e deixando de lado o

aspecto interpretativo que a influência dos astros exerce sobre os destinos das pessoas.

Pressionados pelas perseguições, os ciganos gradativamente foram deixando de lado seus estudos e, conseqüentemente, seus conhecimentos da astrologia interpretativa.

As artes divinatórias acabaram relegadas à cartomancia e à quiromancia, muito embora, há alguns séculos atrás, as previsões se faziam de um modo mais completo.

Ao prever o destino ou a sorte de uma pessoa, os magos ciganos observavam os astros que a regiam, observavam as linhas das mãos, consultavam o cristal ou a bola de cristal, depois concluíam jogando o Tarô. O resultado era uma previsão completa, que abrangia de modo inequívoco o passado, o presente e o futuro de cada um.

Infelizmente, muito desse conhecimento acabou se perdendo em função da ignorância e da superstição. Mesmo assim, ainda hoje há ciganos que, de modo absolutamente instintivo e baseado em conhecimentos práticos, ainda é capaz de efetuar uma previsão confiável, baseado na utilização desses princípios seculares.

Nesse trabalho, voltado apenas para os aspectos práticos do ser humano, são dadas informações sobre o temperamento da pessoa, sua personalidade, atividades em que mais se destacaria, sua saúde e ambientes favoráveis, além da compatibilidade em relação aos outros signos.

Raros são os ciganos que, hoje em dia, seriam capazes de elaborar com exatidão um mapa astral confiável.

---

## O Horóscopo Cigano

Os últimos e esparsos conhecimentos sobre a aplicação prática da Astrologia na interpretação do destino dos homens podem ser mensurados em algumas informações básicas sobre os signos. Essas informações, no entanto, quando somadas aos resultados da observação das linhas das mãos e da interpretação das cartas do Tarô formarão um painel mais ou menos completo, conforme a sensibilidade e a habilidade do cigano ou da cigana. Além do conhecimento da astrologia zodiacal, os ciganos desenvolveram seu próprio horóscopo.

Para saber mais sobre o Horóscopo Cigano, vá até a Biblioteca da Casa do Mago das Letras e, na estante de Horóscopos, selecione Horóscopo Cigano.

# As Artes Divinatórias Ciganas

Inegavelmente, hoje em dia o exercício das artes divinatórias ciganas está restrito àquele praticado pelas mulheres da tribo, que se especializam na leitura das linhas das mãos e na interpretação das cartas do Tarô.

A cartomancia e a quiromancia encontram nelas os últimos representantes de práticas mágicas em que estão envolvidos conhecimentos, muitos dos quais perdidos ao longo dos tempos e das perseguições.

O sensibilidade é ainda a mola-mestra dessa prática quase que natural e instintiva. Vale dizer que nem todas as mulheres são hábeis nesses ofícios. Apenas algumas verdadeiramente nascem capacitadas a interpretar signos que, com certeza, fazem parte do inconsciente coletivo de seu povo.

Vê-se hoje, amiúde, cursos de todos os tipos para o aprendizado da interpretação do Tarô e mesmo da quiromancia. Longe de nós negarmos essa possibilidade aos gadjos, mas jamais atingirão o grau de sensibilidade que, em nosso povo, remonta a mais de mil anos.

## A Cartomancia

Na Índia antiga, antes da diáspora, os ciganos já conheciam o baralho do Tarô. Infelizmente, as gravuras originais, utilíssimas como fonte de informações a respeito dos ciganos e de sua origem, perderam-se no tempo.

As versões mais antigas até hoje registradas retratam lâminas com motivos egípcios. Ao longo dos séculos, diversas versões

surgiram e foram manipuladas por ciganos e por gadjos ao redor do mundo, conforme se pode observar pelas ilustrações apresentadas, uma com motivos egípcios, outra francesa e outra mais moderna.

A cartomancia cigana é praticada hoje, com mais frequência, utilizando-se o baralho de cinquenta e seis cartas, ou dos Arcanos Menores, diferente do baralho normal, comumente conhecido.

No baralho cigano, os naipes são: Bastão, correspondente a Paus; Gládio, equivalente a Espadas no baralho comum. Taça, que corresponde a Copas e Moeda, equivalente a Ouros.

Além disso, cada naipe possui quatorze cartas, sendo dez delas numeradas de 1 a 10, seguidas do Escravo, do Cavaleiro, da Senhora do Naipe e do Senhor do Naipe.

Cada carta possui um significado isolado, o que permite sua utilização em práticas mágicas conhecidas como Simpatias. Há diversas maneiras de se dispor as cartas, todas ligadas à questão levantada pelo consulente, podendo ser mais simples ou mais completa.

## Quiromancia

Na quiromancia, todo um conhecimento sobre os componentes da mão humana são levados em conta para se traçar um painel do presente, do passado e do futuro das pessoas. Esse conhecimento, desenvolvido ao longo de séculos de prática, surpreende até hoje os estudiosos.

Infelizmente, como nas demais artes divinatórias, a presença de charlatões tem contribuído muito para desacreditar uma atividade baseada em uma sabedoria milenar.

São analisados elementos como as formas gerais das mãos, dedos, unhas, textura e montes, cada qual fornecendo um conjunto de informações sobre a pessoa examinada.

~\*~\*~\*~

---

RocketEdition™



[www.acasadomagodasletras.com](http://www.acasadomagodasletras.com)

**eBooksBrasil**  
[www.ebooksbrasil.com](http://www.ebooksbrasil.com)

Novembro - 1999